

A SEMANA – 143

John Gledson

A primeira parte desta crônica são mais lembranças do que notícias – a visita de Sarmiento ao Brasil em 1868, já lembrada duas vezes, com palavras parecidas, e a famosa e malfadada frase de Mitre sobre a Guerra do Paraguai.

A segunda parte é mais delicada de entender. Machado se mostra, e não há razão para pensar que ironicamente, contra a greve dos operários da estrada de ferro Central. Por isso citei um pouco extensamente a notícia de *O Paiz*, que sendo um jornal republicano talvez esperássemos que fosse mais “de esquerda” que a *Gazeta*, mais do centro político, com simpatias monarquizantes. Vemos que não é o caso. Embora com uma espécie de peso na consciência, exposto longamente num introito que não citei, *O Paiz* opõe-se claramente à greve, com argumentos que talvez achemos ingênuos – na Europa justifica-se, aqui não; há meios pacíficos de resolver esses problemas. Machado parece compartilhar estas opiniões, embora com argumentos menos ingênuos. Sublinha, como faria noutras ocasiões, as distorções locais do sindicalismo e do socialismo, no sistema clientelista brasileiro. Sendo o socialismo internacional na sua essência, perde o sentido e a força ao se “federalizar”, cada um defendendo seu território.



A SEMANA

24 de fevereiro de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Refere um telegrama do sul, que o general Mitre deu esta semana, em não sei que cidade argentina, um jantar de quinhentos talheres.¹

Dispensem-me de dizer desde quando acompanho com admiração o general Mitre.² Não o vi nascer, nem crescer, nem sentar praça. O buço mal começava a pungir-me, já ele comandava uma revolução, ganhava uma batalha, creio que em Pavón, e assumia o poder. Eleito presidente da república, foi reeleito por novo prazo, e, terminado este, assistiu à eleição de Sarmiento, um advogado que era então ministro em Washington. Vi este Sarmiento, quando ele aqui esteve de passagem para Buenos Aires, uma noite, às dez horas e meia, no antigo Clube Fluminense, onde se hospedara. O clube era na casa da atual secretaria da justiça e do interior. Sarmiento tomava chá, sozinho, na grande sala, porque nesses tempos pré-históricos (1868) tomava-se chá no clube, entre nove e dez horas. Era um homem cheio de corpo, cara rapada, olhos vivos e grandes. Vinha de estar com o imperador em S. Cristóvão e trazia ainda a casaca, a gravata branca e, se me não falha a memória, uma comenda.³

¹ O telegrama de Buenos Aires, que parece ser a origem desta parte da crônica, apareceu na *Gazeta* no dia 21 de fevereiro, na primeira página: “Os estudantes de Córdoba fizeram uma ovação ao general Mitre, que saudou a mocidade como a esperança da pátria. (...) O general Mitre ofereceu um almoço [*sic*] de quinhentos talheres.”

² Bartolomé Mitre (1821-1906) foi presidente da Argentina de 1862 a 1868. Exilado durante o regime de Juan Manuel de Rosas, voltou ao país depois da derrota deste na Batalha de Monte Caseros (1852), e subiu ao poder depois da Batalha de Pavón (1861) contra os federalistas (Machado tinha 22 anos nesse ano). Sempre a favor de reformas liberais, não surpreende que Machado o admirasse. Foi o primeiro comandante das forças da Tríplice Aliança na Guerra do Paraguai, e no fim da guerra fundou *La Nación*, ainda hoje um dos jornais argentinos mais importantes. Nas últimas décadas da sua vida, dedicou-se a escrever – jornalismo e história. *La Nación* foi o jornal que, em 1905, publicou o segundo romance de Machado a ser publicado em língua estrangeira (uma tradução anônima de *Esau e Jacó*).

³ Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), presidente da Argentina entre 1868 e 1874. Ele concorreu com Mitre para esse posto em 1864, mas perdeu, sendo nomeado ministro plenipotenciário aos Estados Unidos em 1865, depois da morte de Lincoln. Foi na sua volta para assumir a presidência que Machado o viu, em agosto de 1868. Menciona o encontro em duas outras ocasiões, em 9 de junho de 1888 (“O Futuro dos Argentinos”, onde mostra sua admiração por ambos os políticos, pelo estabelecimento da liberdade constitucional), e n^o “A Semana” de 30 de julho de 1893 (67), com palavras semelhantes a estas – nesta segunda ocasião lembra-se que lá também encontrou sua futura esposa, d. Carolina. O Clube Fluminense, que Machado frequentava muito na época, ficava no Rossio (atual praça Tiradentes).

Os amigos do general Mitre, deixando este o poder, deram-lhe em homenagem um jornal, a *Nación*, que ainda agora é dos primeiros e mais ricos daquela República. Ao patriota seguiu-se o jornalista, cujos artigos li com muito prazer. Sendo orador, proferia discursos eloquentes. Generalíssimo dos exércitos aliados contra López, fez baixar a célebre proclamação dos “três dias em quartéis, três semanas em campanha e três meses em Assunção”, que não foi sublime, unicamente porque a sorte da guerra dispôs as coisas de outra maneira. A história é assim. A eternidade depende de pouco.

Pois bem, admirando o general Mitre nas várias fases da vida pública e no exercício dos seus múltiplos talentos, confesso que não senti jamais o atordoamento, o alvoroço, uma coisa que não sei como defina, ao ler a notícia do jantar de quinhentos talheres. Quinhentos talheres! É preciso ler isto, não com os olhos, não com a memória, mas com a imaginação. E de onde viria a diferença da sensação última?

Talvez haja em mim, sem que eu saiba, algo pantagruélico. Confesso que, em relação a Lúculo, as batalhas que ele ganhou contra Mitridates, nunca me agitaram tanto a alma como os seus banquetes. Não conheço golpe dado por ele em inimigo que valha este dito ao mordomo, que, por estar o patrão sozinho, lhe apresentou uma ceia de meia-tigela: “Não sabes que Lúculo ceia em casa de Lúculo?”⁴ Comidas homéricas, tripas rabelaisianas, tudo que excede o limite ordinário, acende naturalmente a imaginação. Jantares de família são a canalha das refeições.

Pode ser também que a causa da extraordinária sensação que me deu o jantar de quinhentos talheres, fosse a triste, a lívida, a miserável inveja da minha alma. Neste caso, se invejei o jantar de quinhentos talheres, foi menos pela comida que pelo preço. Eu quisera poder dá-lo, para não o dar. Que necessidade há de fazer quatrocentos e cinquenta estômagos ingratos, que é o mínimo das digestões esquecidas em um banquete de quinhentos? Os cinquenta estômagos fiéis valem certamente a despesa; mas a psicologia do estômago é tão complicada e obscura, que a fidelidade gástrica pode ser muita vez uma esperança não menos gástrica.

Tão de perto seguiu a este jantar de quinhentos talheres a parede dos operários de Cascadura,⁵ que não pude espancar da memória uma observação de Chamfort, a

⁴ Lúculo (118-57/56 a.C.), general romano que tomou parte importante na Terceira Guerra Mitridática, contra o rei de Ponto, Mitridates (134-63 a.C.). Era famoso como gastrônomo, e pela fartura da sua mesa. Esta frase, já citada em *Quincas Borba*, vem da *Vida dele*, de Plutarco, cap. 41.

⁵ Esta greve aconteceu no dia 21, e vêm reportagens nas primeiras páginas dos jornais no dia seguinte. Achei mais interessante citar as palavras de *O Paiz*, pois estão mais empenhadas em comentar o acontecimento, e as suas opiniões assemelham-se muito às de Machado. Primeiro, os acontecimentos:

“Agora sabemos que ontem, às 11 horas do dia, levantaram-se em *grève* todos os trabalhadores destacados na estação de Sapopemba e marcharam sobre Cascadura, convidando os seus companheiros dessa estação a engrossarem o bando abandonando o trabalho com a alegação que os 300 réis de aumento em seus jornais é insuficiente.”

Foram controlados por forças do exército e da polícia, ficando alguns presos.

A notícia de *O Paiz* começa protestando que o jornal sempre apoiou os interesses dos trabalhadores, mas, diz, por isso mesmo:

saber, que a sociedade é dividida em duas classes, uma que tem mais apetite que jantares, outra que tem mais jantares que apetite.⁶ Os paredistas queriam maior salário e buscavam o pior caminho. Há meios pacíficos e legais para obter melhoria de vencimentos. O direito de petição é de todos. Com ele, pode um cidadão só, e assim trinta, trezentos ou três mil, obter justiça e satisfação dos seus legítimos interesses. Não é novo nada disto, nem eu estou aqui para dizer coisas novas, mas velhas, coisas que pareçam ao leitor descuidado que é ele mesmo que as está inventando.

Não estranhei a parede em si mesma; estranhei que a fizessem operários sem chefes, porque o chefe do partido operário no Distrito Federal é um cidadão que não está aqui.⁷ Não me consta que esse cidadão, representante do distrito na câmara dos deputados, capitaneasse nem animasse jamais coligações com o fim de suspender o trabalho; não me lembro, pelo menos. O que sei, e toda gente comigo, é que defendia com calor a classe operária e os seus interesses.

Nem ainda me esqueceu o dia em que, metendo-se um deputado do norte ou do sul a propor alguma coisa em favor dos operários da Central do Brasil, o chefe do partido emendou a mão ao intruso, redarguindo-lhe que “fosse cuidar dos operários do seu Estado.” Para mim, é este o verdadeiro federalismo. Não bastam divisões escritas. Partidos locais, operários estaduais. O problema operário é terrível na Europa, em razão de ser internacional; mas, se nem o consentirmos nacional, e apenas distrital, teremos facilitado a solução, porque a iremos achando por partes, não se ocupando os respectivos chefes senão do que é propriamente seu. As classes conservadoras, desde

“A grande maioria dos operários da estrada nos dará razão e compreenderá a sinceridade e a legitimidade de nossa apreciação e o dever da nossa crítica.”

Continua:

“As *grèves* têm sua origem na aflição das classes operárias na Europa, cuja condição, no apertado ambiente do velho mundo, é realmente desgraçada, perseguidas já pela falta de trabalho, já pela insuficiência dos elementos para se premunirem contra as contingências a que a pobreza em larga escala está sujeita pelos rigores com que a natureza castiga a zona frígida e mesmo temperada do continente europeu.

Aqui, porém, neste Brasil privilegiado, nesta região benigna, onde o homem respira, porque há espaço, onde a miséria é um caso espúrio e acidental; nada legítima esses levantamentos bruscos, inoportunos, das corporações operárias, porque, por mais adversa que lhes corra a fortuna, não chega nunca a aparecer como um sofrimento ou um martírio.”

E termina:

“Aos trabalhadores diremos que outros meios há para fazer chegar as suas queixas ao conhecimento do governo que não esses da paralização do serviço que prejudica a todos, principalmente agora que a organização da estrada é falha, e precisa entrar nos seus eixos regulares.”

⁶ Palavras já citadas na primeira crônica deste ano, de 6 de janeiro (136); ver a nota 2.

⁷ Este cidadão e ex-deputado foi José Augusto Vinhais (1858-1941), republicano histórico e ex-militar, que organizou o Centro do Partido Operário em 1890: pregava o socialismo, e seu principal apoio estava entre os operários da estrada de ferro Central. Mantinha uma posição reformista e de mediação nos conflitos trabalhistas. Já apareceu duas vezes nestas crônicas, em 15 de maio de 1892 (4), e 21 de agosto de 1892 (18). Em 1891, participou do movimento para derrubar Deodoro, organizando uma greve dos “seus” trabalhadores; em 1893, tentou derrubar Floriano, aderiu à Revolta Naval, e foi exilado. Só voltou da Argentina em 1895.

que não virem os chefes juntos, formando um concílio, perdem o susto, e mais depressa poderão ser vencidas e convencidas.

Tudo isso é pesado, e começo a achar-me tão sério, que desconfio já do meu juízo. Em dia de carnaval, a loucura é de rigor, mas há de ser a loucura alegre, não a grave, menos ainda a lúgubre. Sinto-me lúgubre. O melhor é recolher-me, apesar da saraivada de *confetti*⁸ que principia.



⁸ Aurélio moderniza para “confete”, e acrescenta uma vírgula, que não está na *Gazeta*.